

Saudade do Poeta Zé Marcolino



Eu tive a feliz oportunidade de conviver com o saudoso poeta-compositor Zé Marcolino. O cantador carirense teve sua existência entre o Pajeú pernambucano e o Cariri paraibano, sempre levando o canto e a poesia ao povo de ambas regiões e demais cantos do Nordeste e do Brasil. Fidalgo, educado, amigo, atencioso e comprometido com o Sertão Nordestino, Marcolino foi o estandarte da música das duas regiões onde verteram os mais famosos poetas repentistas cantadores de viola do Nordeste.

De voz grave e feições de caboclo sério, Marcolino era a suavidade de uma alma bondosa e de uma alegria de menino, sempre presente na sua forma de poeta da terra. Não fez uso "profissional" como cantor, tendo apenas gravado um CD produzido e arranjado pelo grupo pernambucano Quinteto Violado.

O vate/cantador paraibano alimentou a carreira musical de Luiz Gonzaga com grandes clássicos que hoje estão imortalizados no cancioneiro popular, como: *Sala de Reboco*, *Cacimba Nova*, *Serrote Agudo*, *A dança de Nicodemos*, *Caboclo Nordestino* e tantos e tantos outros clássicos identificados na voz do "Rei do Baião" e de demais cantores, cantoras do Nordeste e de outras regiões do Brasil.

Seu instrumento musical principal era uma caixa de fósforo, tanto para se acompanhar como para compor. O que mais impressionava era o autodidata Marcolino, compondo baiões, xotes, arrasta-pés, samba de latada, forrós e lindas canções, as quais louvam desde uma "*Pedra de Amolar*" até uma professora através da linda metáfora "*Rolinha Branca*". Escutar Marcolino na sua voz grave,

de barítono, ou na grande voz do grande Luiz Gonzaga e demais cantores e cantoras do Nordeste e de outras regiões do Brasil, nos remete ao Sertão na sua mais autêntica forma de ser.

Nas melodias e poesias de Marcolino, encontra-se o Sertão alegre nas chuvadas invernosas; na obra artística do mestre carirense vê-se uma velha fazenda que outrora foi palco e reino de grandes festas de vaquejadas; no lirismo de Marcolino percebe-se a figura humana na delicadeza de uma "*Rolinha Branca*", andando e catando pedrinhas pelo chão; no canto lunar do poeta paraibano, é notável o que o poeta sentiu quando os astronautas pisaram no corpo de bela senhora lua, fonte de inspiração e musa de todos os poetas do mundo; na canção metafórica "*A estrada*", percebe-se o trabalhador como progresso do Brasil e o pouco reconhecido do sistema capitalista, no xote "*Saudade da Infância*", o compositor nos remete para o mundo bucólico da infância sertaneja, enfim, Marcolino nos deixou um legado de canto e poesia que ecoa pelos quatros cantos do Brasil.

Hoje, encontra-se no solo paraibano e pernambucano a comunicação de vários sertanejos que tratam uns aos outros de Poeta. Esse tratamento cortês foi criado pelo nosso saudoso Zé Marcolino. O poema abaixo, de minha autoria, foi adaptado e musicado pelo compositor potiguar Galvão Filho, sobre a forma de um lindo xote. No ano de 2008 o cantador Santana gravou no seu CD "Forró - a Arte do Abraço" a música, *Saudade de Marcolino*.

Observação: Todas as palavras entre aspas, são músicas de Zé Marcolino.

Gilmar Leite

Saudade de Marcolino

Marcolino, poeta cantador,
A “cacimba” secou de tanto pranto
O “carão” não escuta o teu canto
“Sabiá” padeceu de tanta dor.
O “ciúme da lua” se acabou
Hoje vives morando perto dela
Desenhando teu canto numa tela

Seduzindo-a com tua serenata
Despertando seu riso cor de prata
Num desenho de linda aquarela.

O “serrote agudo” está tristonho
O “fura-barreira” já não tem mais casa
“Maribondo” já bateu a sua asa
O “sertão de aço” perdeu o sonho.
Só os vates de cima estão risonhos
O teu canto é a “saudade imprudente”
Que machuca o sertão que há na gente
Como o pranto na “mágoa de um vaqueiro”
Que tristonho, num banco do terreiro,
Faz aboio saudoso e dolente.

Oh! Poeta “caboclo nordestino”
As caboclas “cintura de abelha”
Soltam prantos em forma de centelha
Com saudades do canto campesino.
A “cantiga do vem-vem” pequenino
Sobre os galhos da “flor do cumaru”
Faz sentir Cariri e o Pajeú
A saudade das noites de São João
Ou as tardes tristonhas do sertão
Entre os cantos dolentes do nambu.

Hoje já não se faz a mesma dança
“Nicodemos” partiu pra outros cantos
Não se encontram mais os mesmos recantos
Duma “sala de reboco” com pujança.
A saudade dos “tempos de criança”
A “rolinha” com passos delicados
Um poeta com sonhos encantados
Numa “estrada” pisando no destino

Pra partir nos deixando um lindo hino
Através dos seus cantos coroados.